Globethics Repository



As Mulheres e a Teologia [Women and Theology]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	IHIU On-Line
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-06 18:33:13
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163369

Há um abismo muito grande entre a formação, cada vez maior, das mulheres em todo o mundo, inclusive no Brasil e a falta de oportunidades em termos de empregos qualificados, valorizados socialmente, bem pagos, etc. Acho que é fundamental uma reflexão das mulheres mais qualificadas que leve em conta as diferenças entre homens e mulheres, de classe social e de etnias, porque, no Brasil, por exemplo, as mulheres brancas ganham mais do que os homens negros, então a reflexão tem que levar em conta a questão de gênero e também de raça. Todas as condições históricas e sociais começaram a existir um dia e podem deixar de existir, se houver uma reflexão e uma construção de estratégias contra esse estado de coisas. A igualdade pode ser uma utopia em direção à qual devemos nos dirigir.

AS MULHERES E A TEOLOGIA
DA HERMENÊUTICA DA SUSPEITA PARA A RELEITURA FEMINISTA
Entrevista com Ivone Gebara

Doutora em filosofia pela PUC –SP, com uma tese sobre Paul Ricoeur, Ivone Gebara é religiosa da Congregação das Irmãs de Nossa Senhora. Estudou teologia e em 1973 se transferiu para Recife. Durante 17 anos foi professora de Teologia e Filosofia no Instituto Teológico de Recife, fechado em 1989 pelo Vaticano. É assessora grupos populares, especialmente de mulheres. É professora visitante em diferentes universidades e centros de aprendizado no Brasil e no exterior. Em 1998, defendeu a tese doutoral em Ciências Religiosas em Louvain, Bélgica, sobre o problema do mal feminino, traduzido para diferentes línguas. Por mais de 15 anos tem vivido num bairro popular de Camaragibe, a 25 Km de Recife. Membro da Associação de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo, ASETT e do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero (NEMGE) - SP e consultora de diferentes organizações populares. Publicou vários artigos e livros dos quais os mais recentes são: ***Teologia Ecofeminista****. São Paulo Olho d'Água, 1988;* ***Le mal au féminin -*** *Réflexions Théologiques à partir du féminisme. Paris: L'Harmattan, 1999 e* ***Longing for Running Waters****. Minneapolis: Fortress Press, 1999;* ***Rompendo o silêncio****: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis:Vozes, 2000.*

***IHU On-Line* – Como a senhora vê o movimento feminista atualmente ?**
Ivone Gebara – Devemos pensar mais no movimento feminista a partir do final do século XX. Ainda estamos bem no começo do século XXI e não sabemos quais são as voltas que o movimento vai dar. O movimento feminista é extremamente plural. Muitas coisas até contraditórias são chamadas de feminismo. Estou falando especialmente na América Latina e, mais particularmente, no Brasil. Mas, de maneira geral, eu situaria o movimento feminista como um movimento social de cidadania das mulheres, uma cidadania que quer ser plena, que não significa necessariamente igual a dos homens. Eu não estou dizendo que a cidadania de todos os homens é real. Sabemos que a grande maioria da população masculina não chega ao Brasil a ser, de fato, cidadã. Mas, enfim, a raiz do movimento feminista é um movimento de luta por direitos de cidadania, direitos de igualdade, direitos diante da lei, direitos na família, na religião, em todos os setores da atividade humana uma igualdade de direitos, mas diferenciada evidentemente para a realidade das mulheres.

***IHU On-Line* – Como surgiu o que chamamos de teologia feminista e como ela se relaciona com os movimentos feministas atuais?**
Ivone Gebara – No Brasil, a teologia feminista toma corpo especialmente na década de 1980. E ela, sem a menor dúvida, recebe um grande impulso da militância dos movimentos de mulheres e esses movimentos, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro, um pouco no

Recife, onde eu moro, buscavam a cidadania feminina e também especialmente discutiam algumas questões que precisavam ter um debate público maior, por exemplo, todas as questões relativas ao corpo e à sexualidade, além de todo o aspecto da legislação. Na década de 1980, algumas mulheres que tinham terminado seus cursos de teologia e estavam fazendo mestrado e doutorado em teologia, tiveram a idéia de se reunir, em nível latino-americano. A primeira reunião foi em 1980, em Buenos Aires. Depois, havia muitas brasileiras e seguimos nos reunindo periodicamente. O grande impulso que foi dado a uma teologia feminista veio, sem a menor dúvida, do movimento de mulheres e desse ambiente social que nós vivemos a partir da década de 1980, que é a afirmação do direito dos excluídos, de afirmação de cidadanias diferentes. Tudo isso fez com que a teologia feminista se organizasse em torno de uma releitura da Bíblia, em primeiro lugar, tentando sair do genérico humano, o humano, o homem. Tentamos fazer uma leitura em que vimos quais eram os papéis masculinos e femininos na Bíblia e conseqüentemente buscamos também o que chamamos de hermenêutica feminista, da qual um dos itens é a hermenêutica da suspeita. Suspeita-se das interpretações que nos foram dadas, na medida em que elas sublinham muito mais o valor masculino do que o feminino, sublinham o homem masculino como imagem de Deus, representante de Deus, lugar específico e talvez mais importante da manifestação do divino.

***IHU On-Line*- Como foi a passagem da hermenêutica da suspeita a uma releitura feminista?**

Ivone Gebara- Depois veio uma hermenêutica mais construtiva e criativa em que as mulheres tentam expressar a sua própria experiência religiosa. Dávamo-nos conta de que tínhamos uma percepção diferente de Deus. É muito interessante como há uma espécie de devolução da experiência do divino nos limites do corpo feminino, nos limites da valorização da pessoa das mulheres, nos limites da sua contribuição intelectual, nos limites da construção da Igreja. Isso também toca à teologia, de tal forma que se repensa a questão Deus, se repensa também uma compreensão diferente da salvação, a partir da qual mulheres e homens são incluídos de uma forma igualitária. As mulheres não têm que passar pela mediação masculina, mas mulheres e homens são mediadores dos processos de salvação. No século XXI, eu tenho percebido uma crise na teologia feita pelos homens e tenho percebido também uma crise na teologia feita pelas mulheres, no sentido de que, indubitavelmente, os homens não têm apresentado nenhuma temática teológica nova. Isso é devido à situação atual, que mereceria uma análise mais apurada. As mulheres vivem uma outra realidade, porque a teologia feminista não conseguiu direito de cidadania nas instituições religiosas dirigidas por homens. A teologia feminista ensaiou alguns espaços no final do século XX, mas agora praticamente são pouquíssimos os seminários ou institutos de teologia que ainda guardam uma cadeira de teologia feminista ou levam em consideração à teologia feminista em sua abordagem teológica. Creio que os protestantes nesse particular, por exemplo, a Faculdade Luterana no Rio Grande do Sul abre mais espaços para a teologia feminista e a tem trabalhado mais. Os metodistas em São Paulo também. Nas faculdades católicas, estamos marcando passo. Não demos o passo na introdução do feminismo na teologia.

***IHU On-Line* - Quais seriam os traços mais excludentes dentro da teologia clássica, inclusive da teologia da libertação, no sentido da mulher?**

Ivone Gebara – Os traços excludentes vêm e não vêm da teologia. Primeiro é bom dizer que não vem, porque a teologia é a expressão de uma cultura. A teologia não se produz por ela mesma, independente de uma cultura patriarcal. E a cultura patriarcal realmente do ponto de vista público, do pensamento, das idéias, privilegia o masculino. E privilegia o feminino para o

mundo doméstico. A teologia clássica e também a teologia da libertação são dependentes das estruturas culturais onde elas brotam. Elas não são, de forma alguma, oásis ou ilhas à parte que vão incluir as mulheres. Nós somos aquilo que somos e a teologia entra nisso também. O primeiro traço excludente vem de que ela nasce dessa cultura androcêntrica, centrada mais no homem masculino, no que se refere a poder, decisões públicas, decisões econômicas, representatividade. Segundo, eu acho que a antropologia teológica ou cristã, embora fale de uma igualdade abstrata, no concreto ela se expressa pela desigualdade de gêneros.

***IHU On-Line*- Quais as conseqüências de uma teologia construída pelas desi-gualdades de gêneros?**
Ivone Gebara- A teologia é construída em torno de uma imagem de Deus masculina, muito embora já tenhamos progredido e dito não, são imagens, é verdade, mas essas imagens é que povoam ainda o imaginário teológico. As categorias ainda são dependentes desse imaginário teológico masculino. Estes seriam os traços do ponto de vista teológico-sistemático. Isso percorre todo o resto. Os ministérios, a prática sacramental, o poder nas instituições da Igreja, também o poder no saber, por exemplo, para mulheres são proibidos certos cursos de teologia, como teologia sistemática, elas podem dar alguns tratados menores. Isso não vem da boa ou da má vontade dos homens. Vem dessa construção que está aí já há bastante tempo, que se acentuou na Idade Média e na época moderna. Isso tudo leva o cristianismo hoje a uma crise de identidade.

***IHU On-Line* – Em que consiste essa crise de identidade do cristianismo atual?**
Ivone Gebara –Vejo a presença da crise quando se trata de lideranças, cientistas, intelectuais, grupos de movimento popular, lideranças de bairro, que buscam um caminho ético, de luta em favor do bem comum. É como se o referencial teológico não fosse mais suficiente. É como se o sentido deixasse a desejar. A linguagem, construída num tempo específico, do Concílio de Trento, uma linguagem meio hermética, que já não toca mais os corações. Para esses grupos, é interessante quando a gente começa a resgatar a dimensão ética do Evangelho, do movimento de Jesus, todo mundo se entusiasma. Quando se passa a falar alguma coisa de dogma todo mundo já arrefece. Essa crise também é parte da crise do mundo. Outras religiões têm o mesmo problema. O judaísmo fala de crise, o islamismo fala de crise, uma crise de identidade diante dessa situação atual do mundo. Estamos todos em busca.

***IHU On-Line* - O que seria o ecofeminismo?**
Ivone Gebara – O ecofeminismo é a junção da preocupação ecológica com a preocupação feminista. Ecofeminismo inclui também os homens, a natureza, a ecologia, e nós costumamos falar de ecojustiça. A nossa preocupação é com a salvaguarda da criação. A nossa preocupação em cuidar os ecossistemas, as redes de vida. Nós, mulheres, assumimos, uma busca não só de cidadania para as mulheres, mas também de afirmação de relações diferentes entre os homens, não é exclusão dos homens. É a construção conjunta de novas relações nas quais também se inclui a preocupação com a ecologia, a preocupação com a terra, com o universo. Basta ver a situação em que está a nossa terra, devastada, desapoiada, poluída. Não é só justiça social. É justiça social e ecológica. É uma preocupação de incluir o planeta Terra como sujeito de justiça também.

***IHU On-Line* - No livro *Trindade, palavra sobre coisas velhas e novas. Uma perspectiva ecofeminista* traz diversas intuições que dão a impressão de que a senhora quer dar**

continuidade a elas, refletir mais sobre elas. Dez anos depois de tê-lo escrito, o que poderia dizer sobre experiência trinitária?
Ivone Gebara – Esse livrinho foi uma conferência que eu dei para as irmãs paulinas, em que eu tentava responder a pergunta delas: "como nós podemos ser uma comunidade à imagem da Trindade?". Eu achei essa pergunta desafiadora, porque colocava nós, seres humanos, tentando buscar a imitação de um modelo divino. Falar de imitação de Jesus é até mais possível. Tentei abrir esse conceito e tentei ver que significações filosóficas ele podia evocar. Foi por aí que falei da relação entre o uno e o múltiplo. Mostrei como, na realidade, nós somos uma pessoa, mas somos também múltiplas. A questão da busca do caminho da construção da comunidade é essa percepção da unidade, da multiplicidade, ao mesmo tempo que nós todos vivemos nesse universo, nessa terra, que é uma realidade maior do que cada indivíduo.

***IHU On-Line* - É possível, há experiências de um feminismo inter-religioso, quando há religiões como o Islamismo nas que ainda a mulher tem um papel de grande submissão?**
Ivone Gebara – Sem a menor dúvida, o movimento feminista teológico é nitidamente ecumênico. No mundo cristão, o ecumenismo é a base do nosso trabalho. Nas reuniões que fazemos em âmbito latino-americano ou internacional, por exemplo, a Associação das Teólogas e Teólogos do Terceiro Mundo, tem promovido, a cada seis anos, uma reunião em que mulheres de diferentes igrejas cristãs trabalham, e ninguém pergunta qual é a Igreja de cada uma. Trabalha-se com questões, temas, desafios, e se tenta, a partir da inspiração da fé, perceber que respostas podem ser dadas. A preocupação é como podemos abordar as questões do presente, guardando a nossa pertença a comunidades diferentes como se nós pertencêssemos a famílias distintas, mas sem acentuar demais a diversidade.

***IHU On-Line* – E há experiências também com religiões não cristãs?**
Ivone Gebara – Já houve algumas reuniões internacionais para as quais mulheres muçulmanas foram convidadas. Nós não fazemos muita divulgação, mas existe um trabalho muito bonito de mulheres muçulmanas, como também um trabalho muito bonito de mulheres judias para rever os seus textos religiosos, as suas tradições, abrir um diálogo mais amplo e questionar certas idéias que nós, do Ocidente, temos das mulheres orientais. Às vezes, a gente se guia por coisas bastante superficiais, por exemplo, o véu. Isso já é opressão. E elas tentam dizer que há tantas mulheres que não usam véu, como nós, e são oprimidas. A fonte de opressão não é o véu. Esse movimento de emancipação das mulheres e de produção de pensamento de sua própria experiência, existe também no islamismo, no judaísmo, existe aqui no Brasil com muitas mães de santo que tentam abrir um diálogo maior entre elas. A Mãe Estela, em Salvador, que é uma figura extremamente carismática, que tem uma postura de diálogo muito grande na linha do diálogo inter-religioso, guardando a sua posição sincrética. Estamos num período em que essas coisas estão florescendo, mas são pequenos ensaios e com pouquíssima divulgação. O que é mais divulgado pela imprensa são as missas show, os programas de cura, essas coisas que têm mais audiência. Esses pequenos esforços de um cristianismo mais ético, ou busca de diálogo com outros credos religiosos, tentando tocar no essencial, isso não tem muita divulgação.

***IHU On-Line* – Olhando para o Brasil e a América Latina, como seriam novas relações de gênero libertadoras?**
Ivone Gebara – Para isso é preciso ver os diferentes contextos. Se tomarmos o contexto da política atual, seria muito mais a formação de mulheres para que elas pudessem atuar em igualdade nas decisões políticas do País. Basta olhar a cara do nosso Congresso e vemos que

é quase um Congresso eminentemente masculino. Novas relações seriam as que dessem espaço a vozes femininas também na construção da sociedade, na construção do bem comum. Isso acontece na política, na economia. Há muitas denúncias de que a cara da pobreza é feminina e é verdade. Se analisarmos quais são as forças sociais mais exploradas, a mão-de-obra mais explorada, entre mulheres e homens, é a feminina. Nas Igrejas nem se fala! Fala-se hoje da convocação de um concílio. Quem estará presente? Possivelmente nenhuma mulher, como "cardinala". Sem dúvida, haverá muitas mulheres na parte da secretaria, da telefonia, da limpeza, isso sim. Novamente se mantém essa espécie de divisão rígida entre o mundo doméstico e o mundo público. As mulheres são do mundo doméstico, do mundo particular, privado, que acaba sendo extremamente aprisionador. As novas relações não são mágicas. Mas devemos tender, por meio de processos educativos, a ter uma igualdade na decisão dos destinos humanos, na partilha de responsabilidades, na reflexão teológica. Temos muito caminho a ser percorrido para que haja mais justiça nas relações entre mulheres e homens nas empresas. Pessoalmente, já se conquistaram muitas coisas, mas, em relação a instituições, nossos avanços ainda deixam a desejar.

***IHU On-Line* – Tem havido mudanças significativas em relação à mulher no governo atual? A esquerda também é patriarcal?**
Ivone Gebara – A esquerda é tão patriarcal quanto o centro e a direita. Também nem posso falar que o PT é de esquerda. Em todo o caso, dentro das diversas tendências do PT, está havendo alguns espaços maiores para a militância de mulheres, mas até lá ainda temos muito caminho a andar. A esquerda também é produto do mundo patriarcal, é uma tendência política e dentro dessa tendência que quer favorecer os mais excluídos, os mais pobres, tem um pouco mais de espaço, de lugar para as reivindicações das mulheres.

***IHU On-Line* – A senhora fez a sua tese de doutorado em Filosofia sobre Paul Ricoeur. Como o filósofo influenciou em seu pensamento?**
Ivone Gebara – Eu fui aluna dele na Bélgica, na Universidade Católica de Louvain e fiquei absolutamente encantada com suas idéias. Como meu professor, ele foi uma pessoa maravilhosa, que me marcou muito. Ele tem aquele livro *A simbólica do mal e eu*. Desde jovem me preocupo com esse problema, então trabalhei a questão que ele focava no livro *Finitude e Culpabilidade*. No meu último livro, que saiu pela Vozes, que se chama *Rompendo o Silêncio*, eu tento analisar essa questão do mal, de uma forma um pouco clássica. Eu tento mostrar como a vida humana é uma mistura do bem e do mal. Neste momento, dizemos que algo é bom e esse bom, de repente, pode se perverter, essa é a dinâmica do bem e do mal, da perdição e da salvação, como inerentes ao próprio processo de vida humana.

***IHU On-Line* – Qual é a mensagem que poderia nos deixar por ocasião do Dia Internacional da Mulher?**
Ivone Gebara – Eu gostaria que nós, mulheres, em qualquer coisa que fizéssemos, usássemos uma faculdade fundamental em todas as pessoas humanas, a faculdade de pensar, sermos capazes de pensar. A vida é pensar não só com a cabeça, mas com o corpo todo, deixar o corpo sentir a dor do outro, a alegria do outro, a destruição que existe no mundo. E deixar aparecer a responsabilidade que nós temos de construir relações mais justas entre mulheres e homens, entre mulheres e mulheres, no local de trabalho, na família, nas nossas comunidades. A minha mensagem é que sejamos capazes de sair de uma espécie de cansaço de pensar a vida, cansaço de querer entender melhor o que se passa no meio de nós, e que coloquemos para nós como meta a importância de conhecer o mundo para amá-lo melhor.